

SHAKESPEARE E DEZ COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ: A FORMAÇÃO DO LEITOR PELO VIÉS DO LETRAMENTO CRÍTICO

Ana Paula de Castro Sierakowski¹
Dr. Vera Helena Gomes Wielewiski²

1 Considerações iniciais

Diante da variedade de temas presentes na obra de William Shakespeare, muitas adaptações foram realizadas, tanto no que se refere à forma literária convencional, ou seja, o texto escrito, quanto a outras formas semióticas de apresentação de uma obra literária, como por exemplo, os filmes. Além disso, sua obra é, muitas vezes, base para o estudo de língua e literatura estrangeira. Pode-se perceber este contexto em livros didáticos, por exemplo. O governo do Estado do Paraná, referente à Língua Estrangeira Moderna, adotou, na rede pública de ensino, um livro didático contendo uma unidade completa tratando da comédia *The Taming of the Shrew*, de William Shakespeare e uma das suas adaptações para o cinema *Ten Things I Hate About You* (1999), do diretor dos Estados Unidos, Gil Junger.

Com o objetivo de verificar como a obra literária em conjunto à adaptação cinematográfica contribui para a formação do leitor de acordo com os preceitos do letramento crítico, este trabalho se baseia na análise do livro didático *Língua Estrangeira Moderna – Espanhol-Inglês/Ensino Médio*, escrito e organizado por três professoras de colégios públicos paranaenses.

2 Revisão teórica e análise do corpus

Considerando-se tradução como textos pertencentes ou não à linguagem verbal ou como transposições de um texto literário, pode-se dizer que os filmes também são uma forma de tradução. Clüver (1997) e Diniz (2003) trazem o conceito de tradução ou transposição intersemiótica, que é aqui entedido por multimodalidade, uma vez que considera-se outros modos de representação de um texto, mudam-se os códigos e os meios de significação do texto original. Em outras palavras, passa-se da linguagem

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM)

² Universidade Estadual de Maringá (UEM)

verbal, escrita no papel, para a imagem, o áudio-visual. Então, entendem-se as adaptações fílmicas como uma das formas multimodais de se apresentar um texto literário.

Tendo em vista as tendências de uma época e a idiossincrasia de um tradutor, uma obra pode ser adaptada o mais fielmente possível à obra original ou, então, “modernizada”. E é isso que acontece em *Ten Things I Hate About You*, uma vez que toda uma nova construção é feita para representar o conflito da peça shakespeariana. Transforma-se a peça que se passa mais ou menos no século XVI para um filme situado no contexto do século XX, transpondo-se uma Katherina de um ambiente misógino e patriarcal para uma Kat feminista em um contexto escolar adolescente que prima pela popularidade entre as “tribos”.

No filme fica evidente que a reinvenção da peça de Shakespeare, de uma peça teatral do gênero comédia para um filme do gênero comédia romântica, se direciona ao público adolescente. Reinventando Shakespeare para um gênero e um contexto mais próximo ao público jovem, a transposição intersemiótica poderia ser um fator de resgate da curiosidade pela obra literária da qual o filme se inspirou - não que esse tenha sido o objetivo do filme. Além disso, tem-se a credibilidade que se impõe de um escritor como Shakespeare, defendido pelos puristas como ícone do cânone literário. Mesmo que não haja a indicação em nenhum momento de que o filme fora inspirado ou baseado na peça shakespeariana, há inúmeras referências ao dramaturgo no desenrolar do enredo. Assim, confere-se ao autor da obra de origem um tipo de autoridade que pode ser colaboradora do sucesso da adaptação.

Mas como trabalhar literatura e suas adaptações em sala de aula se o clichê que se prega é que os alunos não lêem? Qual é o sentido real de leitura atualmente? Jordão comenta:

dizer que não temos o hábito de leitura no Brasil normalmente é dizer que não lemos o cânone literário. Isso é verdade principalmente quando tido por alunos e professores de literatura. Assim, ler fotonovelas, romances açucarados ou páginas da internet não valem como leitura; ler legendas de filmes, anúncios em “outdoors” ou histórias em quadrinhos não é Ler (com maiúscula); também não vale ler figuras, gráficos, tabelas, ilustrações; relacionar elementos, interpretar, fazer relações entre imagens e sons ou entre fenômenos são atividades que contam muito menos ainda, mas muito menos mesmo, como *leitura*. Mas então o que é ler? (JORDÃO, 2003: 345).

Tendo a escola como a instituição que seleciona e legitima o conhecimento e a literatura, estabelecendo o que é canônico ou não, é justamente esse o pensamento corrente que se tem de leitura, de que é leitura apenas aquilo que se inclui no cânone literário. E é por isso que sempre se diz que os alunos não lêem.

Os alunos lêem sim (são leitores ávidos de *Harry Potter* e *Crepúsculo*, por exemplo). O que se percebe é que os livros que circulam entre eles são livros não considerados integrantes do cânone, o que faz com que muitos considerem que eles não lêem. Além do mais, assistir filmes também não é considerado como “leitura”. Não podemos deixar de considerar que os alunos tiveram contato com os livros supracitados a partir do momento em que os filmes foram lançados no Brasil. O contato com esses títulos pode ter sido mínimo antes, mas o fenômeno literatura/cinema vem ocorrendo há algum tempo. Tanto que é estratégia de marketing lançar livro e filme ao mesmo tempo.

E é nesse contexto que se considera o trabalho com as multimodalidades. Muitas pessoas conhecem e já assistiram a adaptação cinematográfica *Ten Things I Hate About You*, e, ainda mais, conhecem também a telenovela *O Cravo e a Rosa*, transmitida pela Rede Globo, mas muitas delas podem não saber que tais textos são adaptações da peça shakespeariana. A identidade leitora, mesmo que seja fundamentada em adaptações de obras canônicas ou na literatura considerada não canônica, já vem sendo construída nesses alunos, pois há o contato com essa “outra” forma de leitura.

The Taming of the Shrew, uma das mais conhecidas comédias de Shakespeare, nos mostra um pai viúvo, Baptista Minola, que condiciona que sua filha mais nova, a doce Bianca, apenas casará se sua irmã mais velha, a “megera” Kate, case antes. No filme de 1999, inspirado na peça shakespeariana tem-se uma estória semelhante, em que Bianca e Kat Stratford, estudantes do colégio “Pádua”, são filhas de um ginecologista viúvo, que só permitirá que Bianca namore se a “feminista insuportável” Kat arrumar um namorado primeiro. Assim, em uma análise simples, o enredo da peça e do filme são os mesmos, mas sua forma de apresentação é modificada/modernizada.

A unidade didática que compõe o *corpus* deste trabalho se encontra no LD *Língua Estrangeira Moderna – Espanhol – Inglês*, de 2006, destinado ao ensino médio das escolas públicas do estado do Paraná. Trata-se da unidade 1 do livro de língua inglesa (páginas 160 à 168), intitulada “*Shakespeare and ‘Ten Things I Hate About You’*”.

Ler e escrever em língua materna são habilidades que vêm sendo construídas na criança desde seus quatro ou cinco anos de idade, mas será que ler “de verdade” e

não apenas decodificar as palavras ensinadas pelos professores é realmente desenvolvido nesses alunos desde o começo da alfabetização? Os alunos são levados a ler criticamente? O letramento crítico aponta que o sentido (s) do texto deve ser visto como um processo de construção, não apenas decodificação, mais que isso, o sentido (s) de um texto é entendido em um contexto social, histórico e não somente um produto da intenção de um autor. Ler, para o letramento crítico, é um ato de conhecimento do mundo e meio de transformação social (CERVETTI *et al*, 2001:5).

Dentro desse foco, traz-se a idéia de que a literatura em sala de aula não deva ser trabalhada apenas como pretexto para aquisição da língua, no caso da língua inglesa, mas, como aquela que traz em si aspectos socioculturais da língua aprendida. Além disso, o filme, como representação multimodal da literatura, é também elemento portador desses elementos prezados pelo letramento.

Entre a sinopse do filme e uma biografia de Shakespeare a unidade se desenvolve por meio de atividades de interpretação e reflexão sobre esses textos que são base para o seu desenvolvimento. As propostas a serem trabalhadas pela unidade são colocadas na abertura do livro e são elas: 1) trabalhar a linguagem oral, ou seja, a língua inglesa, com suas gírias, expressões e contrações; 2) comparar os contextos escolares do Brasil e dos EUA; 3) interligar Shakespeare e o filme *Ten Things I Hate About You* com os conteúdos propostos. É nesse terceiro objetivo que observaremos se o LD trará a literatura para o contexto do aluno de acordo com as teorias já expostas. Percebe-se aqui que a unidade não se propõe diretamente a trabalhar com a peça, mas seu autor e o filme inspirado em sua obra. Implicitamente, espera-se que a peça seja pelo menos mostrada (por meio de um resumo, excertos, etc) como aquela que baseou o filme. No entanto, ela não é trabalhada, cita-se apenas que o filme fora inspirado nela. Não há uma contextualização inicial do aluno nos assuntos discutidos na peça, o que deixa certa lacuna que comprometerá a resolução de algumas atividades propostas.

Apresentam-se agora, algumas atividades selecionadas para a análise. Após a apresentação da unidade, tem-se uma breve contextualização sobre o filme e a peça na qual fora inspirada para, depois, trazer uma biografia de Shakespeare, uma sinopse do filme e questões sobre ela. Segue o excerto da sinopse:

Enquanto se assiste ao filme, podemos perceber que vários dos nomes dos personagens vêm da peça original de Shakespeare. O nome da irmã mais velha é Kat, que é uma referência a Katherina, a personagem principal de “A Megera Domada”. Seu sobrenome é Statford, que é também referência a Stratford-Upon-Avon, a cidade que Shakespeare nasceu. O sobrenome de

Patrick, Verona, é o nome da cidade natal de Petruchio. Patrick é um corajoso garoto que enfrenta a rudeza de Kat, e seu nome relembra o nome do personagem original de Shakespeare, Petruchio. O nome da escola no filme é “Padua”, a cidade em que a peça original acontece (LD: 163. Minha tradução)³.

Sob o ponto de vista do letramento crítico essa referência toda feita antes de assistir ao filme não dá ao aluno autonomia para relacionar peça-obra, pois entrega as comparações prontas ao aluno, fazendo com que assistir ao filme seja apenas divertimento e não o mostra como um texto possuidor de significações, passível de se produzir inferências, relações, comparações com a obra de origem. Para que o aluno tivesse a possibilidade de fazer essas comparações seria necessário, antes da sinopse do filme, ou antes de assisti-lo, que houvesse uma contextualização da peça, trazendo suas características principais. Além disso, há uma atividade colocada da seguinte forma *“Quais são as referências mostradas no filme “10 Coisas que eu Odeio em Você”, sobre Shakespeare e suas obras? (Tente assistir algumas partes do filme novamente para confirmar essas referências)”* (LD: 164; minha tradução).⁴ Com a referência já dada anteriormente, assistir ao filme não se faz necessário, pois se o aluno leu com atenção a sinopse, vai perceber que lá já existe a resposta pronta, automática. Nesse sentido, o trabalho com a forma multimodal da obra literária seria descartável.

Não defendo que a peça shakespeariana seja trabalhada no original com os alunos. Não defendo que se use uma peça escrita em uma linguagem que está fora do alcance de compreensão do alunado. No entanto, como a adaptação fílmica, a peça tem várias adaptações em livros também. Adaptações compactadas na língua inglesa e portuguesa. Trabalhar excertos dessas adaptações faria com que os alunos se familiarizassem com o que estão estudando de fato e facilitaria o estudo das questões que são mostradas mais adiante. Ter em mãos esse tipo de material viabilizaria ao aluno o conhecimento propício para a discussão, além de contribuir para que seus argumentos fossem válidos e para que a sua criticidade fosse construída aos poucos.

³ “While watching the film, we can realize that a lot of characters’ names come from the original Shakespeare’s play. The oldest sister’s name is Kat, which is a reference to Katherina, the main character of “The Taming of the Shrew”. Her surname is Stratford, which is also a reference to Stratford-Upon-Avon, the city where Shakespeare himself was born. Patrick’s surname, Verona, is the name of Petruchio’s hometown. Patrick is the brave guy that faces Kat’s toughness, and his name reminds the name of Shakespeare’s original, Petruchio. The name of the school in the film is “Padua”, the city where the original play takes place (LD: 163).

⁴ “What are the references showed in the film “10 Things I Hate About You”, about Shakespeare and his writings? (Try to watch some parts of the film again to confirm these references)” (LD: 164).

A meu ver, a atividade que se segue seria o ponto mais importante a ser trabalhado na unidade no que se refere à criação da criticidade e da autonomia do aluno em formular argumentos para uma discussão. Para começar, o tópico é chamado de “*Reflecting About the Film and the Play*”, como os alunos poderão refletir sobre a peça se ela não foi abordada pelo LD? A atividade se dá a partir dessa citação:

Dissemos que o poder é branco, masculino e adulto. Portanto, uma das características da nossa civilização é ser androcêntrica, ou seja, centrada na figura masculina. Os direitos, deveres, aspirações e sentimentos das mulheres se acham há tempos (calculam-se seis milênios!) subordinados aos interesses do patriarcado, isto é, ao sistema de relações sociais que garante a dependência da mulher em relação ao homem. (Aranha e Martins, 2000: 197), (LD: 165).

Nessa atividade, fica claro que a falta de contextualização sobre os temas da peça shakespeariana prejudica o trabalho. Sem saber o que se passa na peça, o aluno não será capaz de argumentar ou refletir sobre a peça e o filme e as relações existentes entre os dois. Nesta parte, seria muito interessante discutir a cena do filme em que Kat tem uma certa “discussão” com o professor de literatura, em que ela pergunta porque não são estudadas autoras de abordagem feminista como Simone de Beauvoir ou Sylvia Plath em lugar de Hemingway que é um autor misógino, na visão da personagem. Poderia ser trabalhado, nesse sentido, o tema principal da peça – a subjugação da mulher – concomitantemente à citação da unidade didática e a cena do filme. Assim, trabalhar-se-ia a comunicação oral dos alunos com as suas argumentações sobre o assunto como parte do letramento, mostrando-se assim suas leituras e interpretações das duas obras – peça e filme.

Porém, as atividades que se seguem não têm relação com a citação, tratam das diferenças e similaridades entre os contextos escolares do Brasil e dos EUA. São, no entanto, atividades que contemplam o objetivo inicial da unidade, que era o de comparar os contextos brasileiro e norte americano, mas não se relacionam com a citação anteriormente exposta.

É apenas na última questão da atividade que o assunto do poder patriarcal é colocado:

A peça ‘A Megera Domada’ mostra aspectos do chauvinismo masculino que era comum na época de Shakespeare. Às mulheres não era permitido ter opiniões. Katherina é uma personagem revolucionária, porque ela se recusa a obedecer. Você pode ver esse tipo de preconceito contra as mulheres no

filme, também? E na sociedade moderna? Isso ainda acontece? Por quê?⁵ (LD: 166; minha tradução).

Considerando o letramento crítico, essa atividade seria de suma importância, pois requer argumentação, conhecimento de mundo e opinião própria do leitor para a resolução. Além disso, o professor poderia unir o discurso final que Katherina profere na peça ao poema que Kat dirige a Patrick no filme, mostrando as suas diferenças e os motivos que levaram cada personagem a formar seu respectivo discurso. Dessa forma, literatura e filme estariam sendo trabalhados juntos.

3 Considerações finais

Muitas vezes a literatura canônica é de difícil acesso aos alunos, pois a linguagem é mais elaborada e os assuntos são distantes da realidade deles; por esse motivo, muito se fala que os alunos não lêem. Contudo, grande parte dos alunos está familiarizada com obras canônicas, por meio de adaptações, muitas vezes, sem saber.

Como visto, a unidade didática analisada preconiza o filme. Isso é um ponto positivo, uma vez que não enfatiza que a leitura do cânone é mais importante. Todavia, constata-se que o letramento crítico não é base para o ensino. Além disso, mesmo que a adaptação cinematográfica seja primada pela unidade didática, uma vez que é nela que se baseiam as atividades propostas, percebemos que a literatura em si, a de papel, não circula da maneira esperada nesse contexto, fazendo com que se enfraqueça o trabalho da língua e cultura de outro país.

Nesse sentido, entende-se que a adaptação não foi “lida” realmente, não houve fruição do “texto” cinematográfico, sendo apenas usado como uma das formas de multimodalidades, não sendo explorado a ponto de causar discussões e desenvolver um leitor crítico.

Referências

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. *A tale of differences: comparing the traditions, perspectives, and educational goals of critical reading and critical literacy*, www.readingonline, 2001.

⁵ “The play “The Taming of the Shrew” shows aspects of male chauvinism that were common in Shakespeare’s time. Women were not allowed to have opinions. Katherina is a revolutionary character, because she refused to obey. Can we see this kind of prejudice against women in the film, too? How about in modern society? Does it still happen? Why?”(LD: 166).

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *In: Literatura e Sociedade*. 2. ed. São Paulo: USP, 1997.

DINIZ, Thaís Flores. *Literatura e Cinema: da semiótica à tradução cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2003.

JORDÃO, Clarissa Menezes. No Brasil não desenvolvemos o habitus da leitura? *In: GIMENEZ, Telma (org). Ensinando e aprendendo inglês na universidade: Formação de professores em tempos de mudança*. Londrina: ABRAPUI, 2003.

Língua Estrangeira Moderna – Espanhol e Inglês / vários autores. – Curitiba: SEED – PR, 2006. – p.160-168.

SHAKESPEARE, William. *The Taming of the Shrew*. Ed. By Robert B. Heilman. Harmondsworth: Penguin Books, 1966.